Spártacus

Ano I — Numero 19 | Endereço: Caixa postal 1936, Rio de Janeiro — Brazil | 6 de Dezembro de 1919

O QUE SÃO

A carta de Kropotkine a Jorge Brandes, publicada em *L'Humanité*, vale como documento inapreciavel do que se faz na Russia e como grito de protesto contra a politica dos Áliados.

Kropotkine é, na verdade, o escritor que mais profundamente penetrou na futura organização anárquica e mais compreende o papel do povo nessa organização de comunas livres.

Por isso, como todos os anarquistas, êle sabe muito bem que o bolchevismo está longe ainda de realizar a sociedade anárquica. Assinala mesmo que a sua constituição e o seu funcionamento são, até certo ponto, opostos ao que se ha de fazer, pois toda a ação dirigente concentrou-se num poder ordenador, mandante, com pouca atividade deliberativa nas comunas.

Percebe-se, todavia, a impossibilidade atual de proceder diversamente. O caracteristico dos Estados guerreiros é a concentração de todas as vontades numa vontade unica de comando e de todos os recursos materiais e mentais nas mãos de um chefe onipotente. A decentralização, num exército, é a derrota: numa nação em guerra, o suicidio.

Ora, a Rússia bolchevista não conseguiu ainda a paz interna e externa. Continúa, forçadamente, nação guerreira, nação em guerra, cercada de adversários, constrangida a manter em fogo centenas de milhares de homens, a vesti-los, alimanta-los, municia-los, dia e noute.

Com a terrivel escassez de géneros e materia prima, o sustento dêsse exército é um milagre de esfôrço e persistencia. E' necessário obter os meios em qualquér parte, e somente a ditadura de um governo comândante realizará semelhante objetivo e resolverá todos os problemas.

A autonomia imediata das comunas teria sido a morte da revolução russa e já teriamos, em nome da civilização, para ventura de Inglaterra, algum dos Romanoffs a tiranizar a Russia novamente.

Não devemos esquecer que os bolchevistas se defendem dos ataques desesperados do capitalismo universal, condensado no Conselho Supremo dos Aliados, e o capitalismo universal é uma máquina de guerra, de peças bem unidas, bem combinadas para a destruição.

A essa máquina se ha de contrapôr máquina idéntica, embora em nosso caso sejam diversissimos os ideais dos maquinistas.

A organização verdadeiramente sovietista, anarquista, só virá depois da vitória decisiva do proletariado em toda a Terra.

E todos os anarquistas estão de acôrdo nesse modo de encarar a formidavel obra da revolução russa.

O que, porém, mais punge e mais indigna ao ler-se a carta de Kropotkine é o banditismo aliado, a hipocrisia dos civilizadores, a frieza assassina dos homens do direito e do canhão.

Proclamaram, aos papalvos do universo, que o fim da Entente era aniquilar o militarismo aninhado na Alemanha. O proprio Kropotkine, com espanto de todos os anarquistas, aconselhou tal guerra e acreditou nessa missão sagrada.

Declararam principio básico da civilização e do direito a liberdade de organização interna e xingaram, de *hunos* para baixo, aos alemães, catalogando as barbaridades uma a uma e processando, um por um, todos os responsaveis por tais crimes.

A hipocrisia dessa *fita*, encenação para a platéa, chamariz para os patetas, era visibilissima. A Entente bloqueava rigorosamente a Alemanha, contra as regras do direito e procurava, nada menos, que reduzir os inimigos pela fome. Matava e matou assim, friamente, pensadamente, premeditadamente, milhares e milhares de crianças, de não combatentes, contra as mesmas regras do direito.

Agora, com a Russia, reproduz a mesma infámia.

A carta de Kropotkine, em sua singelêza, nos faz sentir toda a extensão dessa miséria.

Contra o povo russo que se libertou dos seus tiranos arremessa a Entente os bandos pagos de Koltchak, de Denikine, de Yudenitch, malgrado as repetidas proposições de paz, de acôrdo, feitas pelos bolchevistas.

E o fim visivel, o ideal visado é restaurar aquela tirania apeada, submeter de novo a maior nação da Europa á canga do tzarismo ou de um governo qualquer não comunista.

Naturalmente, a Inglaterra, alma danada de tudo isso, uma espécie de *Light* internacional, teme a propagação do socialismo anarquico pela Asia a fora.

Koltchak foi uma barreira a todo preço erguida para separar os russos dos asiaticos. A Inglaterra quer manter, incontaminados do virus libertário, os seus milhões de escravos orientais, como a nossa Light os seus milhares de escravos italianos, portuguêses e brasileiros.

Para conseguir isso o melhor meio é matar á fome.

Da carta de Kropotkine se depreende a angustia daquele povo heroico. Não ha o que comer. Não ha pão. Morre-se á mingua. Outras informações nos asseveram que a mortandade das crianças, por fome, é assombrosa.

E a Inglaterra sabe disso. E a França sabe disso. E a Italia sabe disso. E o mundo inteiro sabe disso.

E essa Entente, que agitava os braços indignada contra os hunos, assassina agora, como assassinou antes, friamente, calmamente, pensadamente, á fome lenta, milhares de criaturas, somente porque desejam liberdade e porque os seus ideais humanos contrariam a ganancia dos banqueiros europeus.

Mas a infamia dos aliados sobre eles mesmos ha de reverter. Lá, como aqui, ha inteligencias que vêm claro e espiritos sedentos de outras normas. O mundo não ha de estar sujeito, doravante, aos agiotas e aos reacionarios de qualquer feitio Os ideais anárquicos se alastram vertiginosamente nas classes liberais e conquistam diariamente novos cérebros entre os homens cultos. O anarquismo é uma vitória da inteligencia e já se escutam, por toda a parte, agora que as inteligencias cultas se interessam pelo anarquismo, as mais calorosas profissões de fé e vão crecendo e recrecendo as adesões dos homens de caráter que descobrem no anarquismo, tão caluniado, a verdadeira solução da crise humana.

Os horrores da campanha antibolchevista vêm mostrar bem alto a ruindade da moral burguêsa, dita cristã, civilizada e não sei que mais.

Lá, como aqui, estão ajuntando brasas na propria cabeça.

Demonstram, desta forma, o que em verdade são.

José Oiticica.

"A Plebe"

Efectivamente, como esperavamos, sahiu *A Plebe* sabado passado, como uma prova magnifica de irreductibilidade e valentia combativa. Embora forçados momentaneamente á publicação semanal, mercê do juridico empastelamento das suas oficinas, os nossos camaradas paulistas continuam, sem medir esforços, a obra vigorosa e indispensavel de propaganda e combate. O endereço de *A Plebe* é o mesmo de sempre: Caixa postal 195, São Paulo.

AS INFAMIAS DA POLICIA PAULISTANA

O CASO PIMENTA

A par com o caso Everardo Dias, concreto e apuradissimo, segundo o testemunho pessoal da propria victima, constituiu o caso Pimenta a nota predominante desse hediondo capitulo das infamias recentes praticadas pela infamissima policia de Frei Altino.

Preso em S. Paulo poucos dias antes de Everardo, com Everardo seguiu Pimenta para Santos, na madrugada de 27 para 28 de outubro.

Era o que se sabia de certo.

Aguilhoado na Camara pelas perguntas do Sr. Mauricio de Lacerda, o leader paulista, Sr. Carlos de Campos, afirmou, repetidamente, que Pimenta havia seguido para o Rio Grande do Sul.

Verdade? Mentira?

A gente de S. Paulo é gente que não merece o menor crédito de pessoas decentes. Além disso, o Sr. Carlos de Campos afirmára ainda que Pimenta, antes de seguir para o Rio Grande, se confessára arrependido e prometera retirar-se da propaganda. Quem podia acreditar em semelhante coisa? Só quem não conhece João da Costa Pimenta, militante traquejado, camarada dos mais ardorosos e dedicados do nosso meio. Junte-se tambem a isso a certeza do seu genio impulsivo e destemeroso, e facilmente, diante do seu desaparecimento, se chegava a este raciocinio: Pimenta, maltratado e espancado, reagiu — e sucumbiu ante a força meior dos bandidos policiaes. Nada mais logico e dahi a angustia e o desespero que nos oprimiam...

Telegrafámos para Porto Alegre.

E — felizmente! — foi o proprio Pimenta quem nos respondeu nestes termos: «Depois de inenarraveis torturas, obrigaram-me a seguir pelo *Servulo Dourado* para Porto Alegre, e forçaram-me ao compromisso de não voltar a São Paulo. Mandarei pormenores pelo correio». Eis o arrependido!

E esperemos agora pelos pormenores com que havemos de estigmatizar a cara dos farçantes e dos bandidos...

Malatesta

Telegramas desta semana deram-nos a grata noticia de ter Malatesta entrado finalmente na Italia.

Malatesta se achava internado em Malta, onde possou boa parte do tempo de guerra. Ultimamente, os elementos avançados da peninsula armaram uma grande agitação pela anistia do velho lutador. Esta foi conseguida, por fim...

Malatesta vai para Milão dirigir, em companhia de Galleani, o novo diario anarquista *Umanità Nova*, são anciosamente esperado.

E' de imaginar-se a influencia imensa que essa folha vai exercer na revolução italiana. Malatesta, veterano da anarquia, gosa de um prestigio sem par no mundo inteiro, que conhece e admira a sua tempera de batalhador de meio seculo de propaganda e ação. Galleani, grande jornalista e maior orador, é desde muito um dos nomes mais estimados entre os anarquistas de lingua italiana. Militou durante muitos anos nos Estados Unidos, de onde foi ha pouco expulso.

A Galleani e Malatesta irá naturalmente juntar-se o nosso querido Gigi Damiani, outro jornalista consumado. E com estes tres homens á frente, cercados de jovens ardorosos e dedicados, não é prever demasiado prever a influencia decisiva que *Umanità Nova* está destinada a desempenhar na orientação e no desenvolvimento da revolução italiana em marcha...

A Malatesta, a nossa longinqua mas cordealissima saudação.

"Spártacus"

E' com verdadeira satisfação que registramos o saldo das nossas contas publicadas no n. de hoje: 425$200. Imaginem esse tino financeiro na gestão do Comissariado do Tezouro quando tivermos implantado no Brazil a dictadura do proletariado: o deficit orçamentario, mal cronico da Republica, desaparecerá da noite para o día... Mas falemos sério. Folha de idéas, sem qualquer publicidade paga, a fonte principal de vitalidade monetaria de *Spártacus* reside nas subscrições voluntarias.

Que os nossos amigos mantenham sempre firme a sua ajuda. E' sacrificio, não ha duvida, mas a nossa obra é feita toda de sacrificios.

E que os pacoteiros mantenham em dia as suas contas.

Só assim *Spártacus* viverá galhardamente... malgrado a vontadezinha do ilustre Geminiano em o ver morto e enterrado dez vezes.

A reação no Brazil

O éco dos nossos protestos reboa na Europa

Sob os titulos—UM MANIFESTO NOTAVEL — A REAÇÃO NO BRAZIL—publicou *A Batalha*, jornal diario de Lisboa, orgam da Confederação Geral do Trabalho de Portugal, um longo trecho do manifesto aqui estampado em nosso n. 9—*Os anarquistas brazileiros ao povo.*

A Batalha precedeu a transcrição com as seguintes palavras:

«A proposito dos "indesejaveis" portuguezes que a policia brazileira entendeu por bem expulsar do paiz onde ela exerce a lei da força e ao qual os expulsos pagavam o tributo do seu trabalho honesto e das suas idéas generosas, a proposito desses repatriados que vieram encontrar na *patria*.. a confirmação do seu internacionalismo, achamos dever reproduzir algumas passagens dum notavel manifesto firmado por numerosos anarquistas nascidos no Brazil.

Este documento é um modelo, na fórma e no fundo — um modelo de dignidade, de nobreza, de energia e de lucidez. E' um documento que ficará, sem duvida, na historia das idéas socialistas e libertarias no Brazil Finda a sua leitura reconfortante, saudamos com a maior efusão os nossos camaradas brazileiros, que de tal modo se honram e honram o movimento revolucionario internacional.

Pesa-nos que a falta de espaço nos cohiba de reproduzir integralmente do excelente jornal *Spártacus* um tão belo manifesto; mas os nossos leitores terão a seguir a sua metade mais expressiva e essencial.»

Vê, pois, o governo brazileiro que nos não enganavamos quando diziamos, nesse manifesto, que tinhamos ao nosso lado o proletariado internacional... E isso é incentivo, é confiança, é força para nós!

Os anarquistas tendem á mais absoluta liberdade, á mais completa satisfação das necessidades humanas, sem outros limites que as impossibilidades da natureza e a obrigação de respeitar as necessidades dos seus semelhantes. Eles repudiam toda autoridade e todo governo, e nas relações humanas querem substituir a fiscalização legal e administrativa pelo livre contracto perpetuamente sujeito a revisão e a modificação.—ENCYCLOPŒDIA BRITANNICA.

Uma carta de Kropotkine

Como se vê pela data ao pé, esta carta, dirigida por Pedro Kropotkine ao eminente escritor holandez Jorge Brandes, foi escrita no começo deste ano, em abril. Mas só ha pouco chegou ela ao destinatario, sendo publicada em primeira mão pela *Humanité*, de Pariz, em outubro ultimo. E' um documento triplamente precioso: por nos dar noticias do velho e sabio camarada, por conter opiniões suas a respeito da Revolução na Russia e por desmentir definitivamente os tendenciosos boatos espalhados pela imprensa burgueza, segundo os quaes Kropotkine havia sido encarcerado, martirizado e assassinado pelos bolchevistas...

Carissimo amigo:

Aparece-me enfim uma ocasião de lhe escrever e eu apresso-me a aproveital-a, sem ter aliás a certeza de que lhe chegue ás mãos esta carta.

Do coração lhe agradecemos ambos o interesse fraterno que tomou pelo seu velho amigo, quando se espalhou o boato da minha prisão. Esse boato era absolutamente falso, assim como as intrigas relativas ao estado da minha saude.

A pessoa que lhe entregará esta carta contar-lhe-á a vida solitaria que levamos na nossa cidadezinha provinciana. Na minha idade, é materialmente impossivel tomar parte na vida publica durante uma revolução; e não está no meu feitio ocupar-me disso como amador. No inverno passado, em Moscovia, trabalhei com um grupo de colaboradores para elaborar os elementos duma republica federalista. Mas o grupo teve que se dispersar, e eu consagrei-me de novo a um trabalho sobre a Etica, começado na Inglaterra ha uns quinze anos.

O mais que neste momento posso fazer é dar-lhe uma idéa geral da situação na Russia, mal comprehendida, a meu ver, no Ocidente. Explical-a-á talvez uma analogia.

Atravessamos agora o momento que a França viveu durante a revolução jacobina, de setembro de 1792 a julho de 1794, com isto a mais — que hoje trata-se duma Revolução Social que anda em busca do seu caminho.

O metodo dictatorial dos Jacobinos foi falso. Não podia criar uma organização estavel e havia forçosamente de ir ter á reação. Mas os jacobinos realizaram em todo caso, em junho de 1793, a abolição dos direitos feudaes, iniciada em 1789, que nem a Constituinte nem a Legislativa quizeram concluir. E proclamaram altamente a igualdade politica de todos os cidadãos. Duas imensas mudanças fundamentaes que, no decorrer do seculo XIX, deram volta á Europa.

Um facto analogo se produz na Russia. Os bolchevistas esforçam-se por introduzir, pela dictadura de uma fracção do partido social-democratico, a socialização do solo, da industria e do comercio. Esta transformação que eles procuram realizar é o principio fundamental do socialismo. Infelizmente, o metodo pelo qual tratam de impor, num Estado fortemente centralizado, um comunismo que lembra o de Babeuf—e paralisando o trabalho constructivo do povo—esse metodo torna o triunfo absolutamente impossivel, preparando-nos uma reação furiosa e perversa. Esta procura já organizar-se para restabelecer o antigo regimen, aproveitando o esgotamento geral, produzido primeiro pela guerra e depois pela fome que sofremos na Russia central e pela desorganização completa da troca e da produção, inevitaveis durante uma revolução tam vasta, feita por decretos.

No Ocidente, fala-se em restabelecer «a ordem» na Russia por meio de uma intervenção armada dos Aliados. Pois bem, o meu caro amigo sabe até que ponto considero criminosa, para com todo o progresso social da Europa, a atitude dos que trabalharam para desorganizar a força de resistencia da Russia—o que prolongou a guerra um ano, deu-nos a invasão alemã sob a capa dum tratado, e custou rios de sangue para impedir que a Alemanha conquistadora esmagasse a Europa sob a sua bota imperial. V. conhece bem a minha opinião a tal respeito.

E no entanto protesto com todas as minhas forças contra qualquer especie de intervenção armada dos Aliados nas questões russas. Esta intervenção daria em resultado um acesso de patriotismo russo, trar-nos-ia de novo uma monarquia militarista —já se notam indicios disso—e, note-se bem isto, provocaria no conjunto do povo russo uma atitude hostil para com a Europa ocidental, atitude que teria as mais tristes consequencias. Os americanos já o comprehenderam muito bem.

Imagina-se, talvez, que sustentando o almirante Koltchak e o general Denekine se sustenta um partido liberal, republicano. Mas isso é já um erro. Fossem quaes fossem as intenções pessoaes desses dois chefes militares, outras são as miras da maior parte dos que em torno deles se agruparam. O que eles haviam forçosamente de nos trazer seria um regresso á monarquia, a reação e ondas de sangue.

Aqueles que entre os Aliados veem claro nos acontecimentos deveriam, pois, repudiar a menor intervenção armada, tanto mais que, si realmente quizerem ajudar a Russia, acharão imenso que fazer noutra direção.

Carecemos de pão em todo o imenso espaço das provincias centraes e setentrionaes.

Para obter em Moscovia, ou aqui em Dmitrov, um arratel de pão escuro, de centeio—além do arratel ou do quarto de arratel por pessoa, entregues pelo Estado a um preço elevadissimo, mas relativamente modesto, de um rublo e sessenta o arratel (dantes representava isso quatro francos),—tem a gente que pagar de 25 a 30 rublos (62 a 75 francos) o arratel de 450 gramas. E é quando se encontra! E' a fome, com todas as suas consequencias, o definhamento duma geração inteira... E recusam-nos o direito de comprarmos pão no Ocidente!—Porque? Será para nos trazer outra vez um Romanoff?

Em toda a Russia carecemos de mercadorias fabricadas. O aldeão paga preços doidos por uma foice, um machado, alguns pregos, uma agulha, um metro de qualquer tecido — mil rublos (dantes dava isso 2.500 francos) pelas quatro rodas ferradas duma ordinaria carroça russa. Na Ukraina, é peior ainda: não se acham os artigos por nenhum preço.

Em vez de representar o papel que a Austria, a Prussia e a Russia desempenhava em 1793 para com a França, deviam os Aliados ter feito tudo para ajudar o povo russo a sahir desta terrivel situação. Demais, ainda que vertessem torrentes de sangue para obrigar o povo russo a voltar ao passado, não o conseguiriam.

A construir um novo futuro, pela elaboração constructiva de uma nova senda, que a despeito de tudo se esboça já, é que os Aliados nos deviam auxiliar. Vinde sem demora em socorro dos nossos filhos! Vinde coadjuvarnos no trabalho constructivo necessario! E para isso, que nos

mandem, não diplomatas e generaes, mas pão, instrumentos para o produzir e organizadores, dos que tam bem souberam ajudar os aliados, durante estes terriveis cinco anos, a obstar á desorganização economica e a repelir a invasão barbara dos alemães...

Lembram-me que devo terminar esta carta já demasiado longa. Assim faço, abraçando-o fraternalmente.

Pedro Kropotkine.

Dmitrov, governo de Moscovia, 28 de abril de 1919.

Aquela cambada...

Fui á Camara dos Deputados um dia dia destes. O Sr. Mauricio de Lacerda ia falar, mais uma vez, sobre as expulsões de anarquistas e principalmente sobre o caso tipico e monstruoso da expulsão e martirio de Everardo Dias. O Monroe regorgitava de congressistas, funcionarios, continuos, pedinchantes, jornalistas e outros sujeitos da mesma laia.

Em dado momento o deputado fluminense começou a falar. Em seu redór se aglomeraram uns vinte ou trinta individos varios, alguns deputados, alguns repórteres, alguns taquigrafos, e eu, que positivamente pertenço a outra especie. Fóra dessa róda curiosa de ouvintes, continuou tudo na mesma. Os congressistas, os funcionarios, os pedinchantes, os jornalistas e demais sujeitos continuaram nos mesmos grupinhos, espalhados pelas bancadas, pelos corredores, por entre as colunas. Ao alto, nas torrinhas, talvez uma duzia de populares, prudentemente guardados por tres ou quatro policiaes sonolentos. E o Sr. Mauricio falou, falou, falou, falou... até terminar o prazo regimental.

Soaram os timpanos da presidencia. O borborinho cessou um pouco, e um dos secretarios da mesa poz-se a ler não sei o que. Um chamado foi feito. Iam votar-se materias da ordem do dia. Essas materias da ordem do dia consistiam em pedidos de crédito feitos pelo executivo, na importancia de 50 mil contos. Os deputados correram pressurosos aos seus lugares, para votar as materias da ordem do dia. Escusado é acrescentar que os pedidos de dinheiro feitos pelo executivo foram votados favoravelmente por quasi unanimidade. Votadas, pois, as materias da ordem do dia, os deputados, contentes da vida, pelo serviço que acabavam de prestar á nação, debandaram das bancadas, e aos poucos foram abandonando o recinto.

O Sr. Mauricio de Lacerda recomeçou a falar. Falou durante duas horas a fio. E no fim do seu discurso havia, ouvindo-o, entre deputados, funcionarios, jornalistas e eu, umas quinze pessoas...

Tratava se de assunto de capital interesse constitucional, directamente condizente com as liberdades do cidadão. Mas que importava isso aos congressistas, tão exhaustivamente preocupados com os creditos ao governo amigo e com os mexericos do compadrio politicalheiro e com as tramas rendosas das polpudas negociatas administrativas? Evidentemente, não importava nada...

Eu fiz o meu julgamento definitivo: esta cambada de falsos representantes do povo merece, ao dia seguinte do triunfo revolucionario, ser todo ela remetida a um campo agricola de concentração, onde, para comer, deverá plantar e colher... Quanto ao Monroe, arrazado, queimado e salgado, como sitio de peste e de execração!

Aurelio Corvino

A sociedade subsiste por natureza, por conveniencia geral e particular, jámais pela ação do Estado, que não faz sinão perturbal-a, garantindo unicamente o monopolio e a opressão. — A. PELICER PARAIRE.

"Documentos del Progreso"

— — —

Acabamos de receber os 8 numeros desta preciosissima publicação, editada quinzenalmente em Buenos Aires. Cada numero consta de 16 paginas repletas de documentos de todo o genero sobre a revolução social dos nossos dias. *Documentos del Progreso* constituem um manancial inesgotavel de informações e dados referentes aos movimentos revolucionarios no mundo, especialmente, como é bem de ver, ao movimento russo.

Teremos ocasião de trasladar para *Spártacus* algumas das suas paginas. O seu endereço é o seguinte: José Nó, Casilla de Correo 1160, Buenos Aires.

COLAPSO MORAL

Na embriaguez da victoria, oblinublados pela cubiça, os aliados ocidentaes, que antes do desencadeamento da grande guerra não tiveram a intuição precisa para uma leve prefiguração do descalabro economico a que estavam condenados victoriosos e vencidos no fim da tragedia, têm mostrado a mais absoluta incapacidade no encarar as multiplas e complexas questões economico-politicas que, todavia, são o encadeamento logico dos factos.

Assim é que para problemas nascidos de condições especiaes do momento empregam processos velhos, cuja ineficacia, de sobejo, tem a pratica demonstrado.

O estado de coisas com que se vêm a braços os dirigentes das nações que partilharam do morticinio formidavel que durou quatro anos, é originario das proprias trincheiras.

Arregimentando operarios e camponezes para o «front», em defeza da Patria, do Direito, da Liberdade, emquanto cidadãos pacificos amam muito a patria, mas que não podem ocultar que amam acrisoladamente o ouro, aqui ficavam nas cidades entretidos na exploração das industrias de guerra e outras honrosas especulações comerciaes, os governantes não supunham que o emprego do medo e da mentira, como sistema de governança, seria denunciado e comprehendido nas proprias linhas de batalha, por isso que para lá foram muitos socialistas e livres-pensadores que voltariam, como voltaram, sinão anarquistas, bolchevistas, arrebanhando comsigo muitos homens que nem siquer sabiam que coisas eram essas.

Desta fórma ateou-se e espevitou-se a chama que jazia latente no coração das massas, desde a desilusão da primeira democracia.

Antevendo o perigo que ameaçava o edificio social burguez, já denunciado a contento pela revolução Russa victoriosa, após o afastamento de Kerenski, Wilson sugere os planos de defeza, concretizados no imperialismo de uma instituição que teria o nome suave de Liga das Nações.

Lançados os primeiros fundamentos dessa instituição, regosijaram-se os observadores superficiaes, os sociologos de oitiva e pouco faltou para que o habil malabarista yankee fosse canonisado em vida

Não quiz, porém, o acaso, despota que mete o bedelho em tudo, que as coisas tivessem esse desfecho. E eis que no seio da Conferencia, fóra, talvez, de todo o proposito, surge o barão Makino a invocar o internacionalismo do campeão da diplomacia moderna em pról da raça amarela, tida como inferior, excepto na cultura do arroz.

O estadista dos 14 principios fita os seus pares, mete o dedo indicador entre o colarinho e o pescoço como para dilatar o linho que o ameaça de asfixia, empertiga-se por detraz dos interesses americanos no oriente e fala e clama e acaba irreductivel na afirmação da desigualdade de raças profligada pelo japonez.

A esta *gaffe* sucedem outras com o caso italiano do Adriatico, com a republica sovietista de Bela Kun, com a repartição da tonelagem dos navios aprehendidos aos alemães, e a impopularidade do estadista americano, dentro e fóra do conselho, surgiu a par das primeiras dissensões prenunciadoras do sintomatico desequilibrio moral dos politicos empenhados na reorganização economica da sociedade.

Aqueles que até então incensavam o presidente Wilson começaram de critical-o e em breve a mesma imprensa que considerava a Liga das Nações como ultima palavra em creação politica, começou de lhe descobrir planos imperialisticos.

Ora, si a opinião publica é formada de conservantismo, crendice, fetichismo pelas instituições, mercê dos aparatos e ouropeis com que se encobrem as intenções, não é menos certo que a imprensa é, de todos os factores, o preponderante na formação dessa opinião.

Pois bem. Pelo uso abusivo, o sistema de mentira governamental alastrou-se, generalizou-se de fórma tal na imprensa, que degenerou em confusão, a ponto de um mesmo jornal mudar de côr em cada numero expedido.

Qual é o resultado disto?

Por muito passiva que seja a opinião publica ha de se fazer não pelo que os jornaes informam e sim pelo que eles não informam, isto é, pelo que se póde entrever travez o que eles dizem.

Claro é que o leitor que leva quasi tres anos acompanhando, pelo seu jornal, as derrotas inumeraveis dos bolchevistas russos, a quéda sempre iminente de Petrogrado e nunca depara com a noticia da extinção da praga maximalista: por mais ingenuo que seja, conclúa por este lema: — ou os maximalistas são realmente invenciveis ou o jornal é mentiroso.

Para mim os dois membros do lema são verdadeiros.

Diante, pois, da incapacidade aliada na solução do problema do Adriatico, da ineficacia da intervenção armada na Russia, na cessão de terras, que até então conservára, por Humberto da Italia aos camponezes revoltados que delas se apossaram, dos processos irritantes e absurdos usados por todos os paizes na repressão do anarquismo e de tantos outros factos que se observam diariamente, concluimos que os ganhadores da guerra, dobrados ao peso da victoria, estão sob um verdadeiro colapso moral.

Tanto é exacta essa asserção que os resultados se não têm feito esperar. O gesto do poeta D'Annunzio, por emquanto sem outras consequencias: a condenação do individuo que tentou contra a vida de Clemenceau e a anterior absolvição do assassino do socialista Jaurès; a tibieza de animo dos governantes inglezes ante ás exigencias dos grévistas que acabam de realizar uma grande conquista, conseguindo o direito de participar da direção ferro-viaria do paiz e, mais recentemente, as sugestões do «Statist», orgam financista de Londres, jornal «solido» como nol-o diz a «Associeted Pres», para expropriação dos bens eclesiasticos da igreja anglicana, o que significa, simplesmente, uma incursão nas teorias anarquistas condenadas, a «una voce», em todos os tempos por todos os jornaes e homens burguezes, são actos inconsequentes que denunciam irreflexão acentuada, forte depressão moral.

As insurreições que rebentam por toda parte como seara madura, atestam o proposito em que se firmam os povos de não obedecer ordens que sejam o oposto da sua vontade.

As classes que têm direitos a reivindicar e que elevadas conquistas realizam neste periodo de fermentação revolucionaria que sucedeu á hecatombe dos quatro anos, são largamente beneficiadas por esses actos que lhes mostram a deficiencia moral do blóco de resistencia burgueza.

Como consequencia ainda dos processos de difamação usados por seus inimigos instinctivos, as generosas idéas de libertação que tantas victimas têm feito, empolgam e atrahem os espiritos que até hoje permaneciam na ignorancia de seus postulados e principios.

Feita esta analise, por onde vimos que a classe operaria ganha em prestigio o que a classe burgueza perde em solidariedade e firmeza, podemos concluir, com certo gaudio muito nosso, que o triunfo universal do anarquismo está assegurado pelo descredito moral crescente das classes dominantes.

Rio-16-11-919.

João Russo

Mater Dolorosa

— —

Quando contemplamos um facto emocionante, uma tragedia dolorosa de que a presente sociedade é teatro incessante, sentimo-nos tocados de uma forte vibração magnetica, cuja intensidade se choca na nossa sensibilidade produzindo o efeito de um terrivel estrondo que ecoasse junto a nosso ouvidos. Si nos referirmos aos casos epicos em que a mãe adoravel, amantissima, que possue um unico filho, sua unica aspiração, seu enlevo nesta vida amargurada, e o perde por efeito de uma molestia, uma tuberculose, determinadas pela miseria, pela escassez de recursos, a nossa alma se confrange, se sente tocada dessa mesma força vibratil que nos emociona profundamente.

Eis, com efeito, uma recente tragedia á qual nos devemos inclinar dolorosamente:

Ela era uma dessas infelizes da sorte que tirava o seu unico sustento e o do seu filho, este acometido de uma pertinaz tuberculose, lavando peças de roupa para os freguezes. Apezsr de já ter uma idade um tanto avançada ia vivendo feliz junto do seu filho, sua unica esperança. Moravam no Morro do Pinto, numa modesta cazinha que os parcos recursos lhes permitiam. Ambos se queriam, mãe e filho, como duas almas que houvessem nascido para se idolatrarem. Ele, ainda uma criança, contando 19 anos, tinha toda a jovialidade irrequieta e brincalhona, propria da juventude. Tratava a sua mãe por «a velhota». Esta, vendo que a vida se tornava cada vez mais pesada para ambos, tratou de metel-o numa marcenaria onde aprendesse a arte de marceneiro, o que conseguiu, ganhando apenas uma mesquinharia como aprendiz. Isso, porém, não bastava para satisfazer as necessidades da vida, cada vez mais crescentes, agravando-se-lhes de dia em dia.

Ele vinha da oficina ás vezes todo molhado, contrariando os conselhos da «velhota», que o exhortava a que levasse um chapeu qualquer. Mas ele continuava a transgredir os conselhos da sua mãe. Por fim ele veiu a pagar caro a sua imprudencia. Por efeito das molhaduras, sobreveiu-lhe uma forte constipação pulmonar. Sua pobre mãe, então, procurando todos os remedios aconselhados pelos vizinhos, toda se desfazia em desvelos para curar-lhe a constipação, que já se ia tornando cronica.

Como não tivesse recursos para chamar o medico, pois ganhava estrictamente para as despezas, ia-lhe ministrando os remedios caseiros, Depois veiu a molestia da gripe, que assolou o Rio de Janeiro, e agravou-se-lhe o estado. Já não era mais o accesso da constipação acompanhado de tosse sêca: já havia passado á tuberculose. Os poucos entendidos que tinha procurado, e os doutores da santa casa, diagnosticaram a terrivel enfermidade! Começa então a angustia cruel da pobre mãe que toda se desgrenhava ferida pela dôr de ver o seu filho, o seu unico arrimo, definhar lentamente, balda de recursos, aflicta num tranze doloroso.

Os gastos haviam crescido com a doença, não lhe sendo mais possivel pagar todas as despezas.

A modesta e infecta vivenda já não podia pagal-a, estando atrazada uma porção de mezes no aluguel.

No dia 28 do passado Novembro, pelas 9 horas da manhã, no modesto barracão que se ergue no alto do Morro do Pinto, a dôr funerea circundava a modesta cazinha e dilacerava em pranto o coração duma mãe abraçada ao corpo inerte do seu filho, aquele que na vida havia sido todo o seu ideal, todo o seu pensar. A sua miseria era tanta que nem tinha com que fazer-lhe o enterro, si não fossem varias pessoas que se condoeram de tanta infelicidade.

A terrivel molestia havia-se apoderado daquela vida ainda na infancia, pode-se dizer, deixando a uma desconsolada mãe sumida na mais espantosa miseria e traspassada pela dôr de ver perder o filho.

Eis em todos os seus traços narrado um dos pungentes dramas que a todo o momento nos é dado ver aqueles que almejamos uma sociedade igualitaria onde os seres não sofram o aguilhão da miseria e possam ter direito aos auxilios medicos, ao contrario do caso doloroso que acabo de escrever.

A sociedade com todas as suas imperfeições: a riqueza de um lado acumulada, gerando a miseria do outro lado e a desigualdade, foi o braço terrivel que armou a dôr com que foi traspassado o coração duma mãe amantissima e boa.

M. Esteves

As gréves e os indesejaveis

O velho chavão, segundo o qual são sómente estrangeiros os operarios que fazem gréves, agitam problemas sociaes e economicos, e abraçam idéas demolidoras e subversivas, constitue a arma de combate com que agora, como sempre, os inimigos do progresso, da justiça e da razão justificam os seus ataques ao proletariado consciente que se organiza para, pela ação directa, reivindicar as migalhas que doutro modo nunca lhe seriam concedidas.

Além da flagrante injustiça á mentalidade do operario brazileiro, que tal asserção traduz, os facciosos adversarios das gréves e dos direitos adquiridos pelas classes laboriosas demonstram igualmente a mais obtusa ignorancia quanto ás origens das lutas entre o capital e o trabalho, tanto mais quanto é certo atribuir ás mesmas intenções de ordem politica, ao envez de consideral-as sob o triplice aspecto moral, economico e social.

Enganam-se redondamente todos aqueles que imaginam serem evitaveis as paredes por meio de concessões graduaes, de melhorias de salario e diminuição de horas de labor. Toda despeza acarreta um novo aumento no custo da vida, e portanto, si o patrão dá ao seu operario um vintem mais, vai tirar esse mesmo vintem na elevação dos preços dos artigos que manufactura e produz. O mal, como se vê, agrava-se e a situação aflictiva dos pobres permanece no mesmo pé de antes, sinão peor ainda. Dahi a necessidade sempre premente de novas gréves, porque de bom grado não ha capitalista, não ha burguez que ceda coisa alguma aos que sofrem para seu enriquecimento.

Conclue-se do exposto que, sendo geraes a penuria e o desconforto, tambem por eles é atingido o operariado nacional e não sómente o que teve a caipora de nascer em outra parte do orbe. E depois deve ponderar-se que, si o primeiro é mais calmo e pacato que o segundo nas questões que o afectam, isto é inteiramente justificavel, porquanto, estando ele em seu paiz, isto é, em sua propria casa, não tem os motivos que sobram áquele para se revoltar, uma vez que não precisou abandonar familia, amigos e conveniencias, nem arriscar o seu futuro vindo ao acaso para uma terra desconhecida.

Mas assim como é licito aos capitalistas estrangeiros encarecerem a seu talante todos os generos de consumo forçado, semeando desse modo o mal estar entre a população humilde, e diremos tambem entre as classes remediadas, como o funcionarismo publico, porque motivo não hão de os trabalhadores ter o direito de propugnar pelos seus interesses, salvaguardando-se dos deshumanos assaltos emprehendidos contra a sua magra bolsa?

E' sabido que as gréves – todas as gréves, com anarquistas ou sem eles — visam, não a destruição do Estado, o apeiamento das autoridades e a consequente quéda do capitalismo, mas sim e exclusivamente o atenuamento da miseria, da fome e do infortunio.

E já que falamos em anarquistas, salientemos, do mesmo passo, quanta iniquidade encerram as considerações bordadas ahi sobre a sua ação. Em primeiro lugar, os anarquistas são operarios como os demais e têm tanto direito de fazer gréves como aquelles que o não são. Negar-se-lhes esse direito é arrastal-os naturalmente para a senda dos complots e das violencias. E nesse caso cabe á policia, e não a eles, a responsabilidade pela alteração da ordem e todas as consequencias dahi decorrentes.

Depois, si os anarquistas se destacam mais que ninguem pela sua actividade e constancia; si defendem com mais calor e entusiasmo tudo quanto lhes diz respeito, si são emfim os unicos capazes de enfrentar todas as situações com inteira consciencia e descortino, — a razão está em que são eles mais adiantados que os seus companheiros de trabalho e em se sentirem absolutamente seguros da justiça da sua causa.

Presentemente a vida está insuportavel: os productos alimentares custam preços fabulosos e vão sempre em constante progressão; os alugueis de casa aumentam exageradamente, ao capricho dos senhorios e sem motivo solido a lhes dar base; e o comissariado de alimentação publica, composto por legitimos burguezes e açambarcadores, não toma nenhumas providencias sérias para fazer cessar tal estado de coisas, do qual derivam, indubitavelmente, toda a desordem e toda a violencia.

Ora, para não haver efeito deve não haver causa. Querem as autoridades, querem os governantes impedir a propagação das gréves? Cumpram mais rigorosamente as leis: não sejam perseguidores contumazes dos operarios e defensores ostensivos dos burguezes, isto é, não exerçam arbitrariedades, não pratiquem abusos contra aqueles e não encham estes de blandicias e salamaleques.

As leis são iguaes para todos: si uns têm o direito de explorar sem contemplações, os outros devem ter o direito de organizar a sua defeza.

Logicamente a gréve é a unica arma com a qual os explorados podem fazer frente aos seus verdugos. Mas desde que ha gréve ha tambem a necessidade de fazer discursos, de publicar manifestos, de distribuir proclamações. Nestas circunstancias, para que se prendem os oradores das sociedades e dos comicios? para que se aprehendem as publicações? para que se empastelam jornaes? Não. As autoridades precisam mudar de rumo.

As suas violencias só induzem as victimas a praticar outras violencias.

Talvez que a bomba, que se diz ter sido encontrada na séde do Centro dos Empregados em Ferrovias, nunca fosse manipulada si outra tivesse sido a conducta policial.

Assim, perseguidos como féras os operarios de idéas avançadas, assaltadas as organizações de resistencia, menoscabadas a cada passo as disposições constitucionaes, — não é de admirar que o desejo de uma desforra, de uma vingança houvesse germinado no espirito de alguns exaltados. Agora as victimas foram os seus proprios compositores. Mas quem poderá afirmar não sejam victimas, amanhã, os algozes?

O que urge por consequencia é evitar os exageros da repressão policial. Aplique-se a lei, só a lei, — e ter-se á prestado melhor serviço á colectividade do que até agora se tem visto. Si os anarquistas combatem as leis dizendo justamente que elas só se cumprem quanto aos pequenos, é dar força moral á sua propaganda mostrar que de facto as autoridades espesinham as mesmas leis.

Criminosos, por isso, não são os anarquistas: são os Geminiano da Franca e toda a tropilha que junto a ele opera. Esses os indesejaveis; esses os que merecem ser expulsos.

B. P. Arez.

NOTA DA REDAÇÃO — Não conhecemos o autor deste artigo. Vê-se que é um operario e um homem de bom senso. Mas desejamos fazer uma pequena objeção á parte final do seu trabalho. Mesmo que as autoridades cumpram rigorosamente as leis, nem por isso a inquietação e a desordem social desaparecerão. Primeiro, porque são as proprias leis que se contradizem e se opõem. Segundo, porque as leis são feitas pela burguezia no interesse da burguezia e a sua execução rigorosa, aliás impossivel, não poderia jamais servir aos interesses do proletariado. Não nos iludamos: a crise social contemporanea é uma crise organica e não apenas formal, e a sua solução, consequentemente, tem que ser tambem organica e fundamental.

A unica potencia creadora de toda a riqueza é o trabalho: o unico productor, o operario. — A. PELLICER PARAIRE.

Um protesto de Crocci

Quando o nosso camarada E. Romano Crocci foi preso aqui para ser expulso, impetrou-se uma ordem de habeas-corpus em seu favor. O *Rio-Jornal*, noticiando o facto, entendeu que isso significava apostasia. Crocci escreveu-nos de Buenos Aires protestando contra semelhante aleivosia. Mas esses jornalistas, sem idéas e sem principios, cujos orgãos mentaes e sentimentaes parece se acumulam no baixo ventre, pensam que ser anarquista é o mesmo que ser um *ista* qualquer colado ao nome poderoso do politicalheiro dominante na hora? Eis a carta de Crocci:

«No *Rio-Jornal* de um dos primeiros dias de outubro, referindo-se a uma ordem de habeas-corpus impetrada em meu favor, dizia-se no titulo de um «suelto»: "Não quer ser anarquista". Eu protesto energicamente contra essa baixa calunia, porque nunca disse que negava o meu sentimento e o meu pensamento anarquista. Em nenhuma parte do mundo, ainda nas aduncas garras da justiça historicamente injusta e viciosamente prostituida, neguei jamais a minha predileção pelas idéas anarquistas. Nem a cadeia do Paraguay, nem os carceres do Uruguay, nem as prisões da Argentina, nem as casas de detenção desse Brazil jesuitico e vicioso, me fizeram recuar. E como unica resposta eu grito daqui: Tremei, tiranos de papelão! — Buenos Aires, 20 de novembro de 1919. — *E. Romano Crocci.*»

O que é o sovietismo

E' tempo de começar-se a estudar o sistema social criado pela revolução russa e sair-se um pouco dos verbalismos laudatorios e deprimentes — sempre sentimentaes — com que entre nós geralmente se tratam as questões que nos apaixonam e que, na maior parte dos casos, se conhecem mal, quando não se ignoram de todo.

O sovietismo, que é hoje na Russia um regime de facto posto em pratica por um partido socialista avançado, e apoiado em todo o mundo por legiões de socialistas, anarquistas e sindicalistas, precisa ser debatido e esclarecido. A discussão impõe-se. E' indispensavel a critica. Os bolchevistas passam como todos os partidos politicos, mas o sovietismo fica, e é este que começa agora a interessar. Quaes são, porém, as caracteristicas do sistema sovietista de que tanto esperam os trabalhadores, e em que é que ele se distingue do execravel regime burguez a que, presumivelmente, vai suceder em toda a parte? E' o que convêm saber antes de qualquer discussão.

Ninguem melhor do que um russo pode esclarecer-nos a este respeito. E' do comissario do povo Bukarine a exposição que segue, do mais alto interesse nos tempos messianicos que correm.

«A base da Republica democratica é a assembléa constituinte ou parlamento, cujos membros são eleitos para representar circunscrições territoriaes, emquanto que a mais alta soberania da Republica comunista pertence ao congresso dos soviets.

Em que diferem os dois sistemas? No seguinte facto: O parlamento democratico é constituido não somente pelos representantes dos operarios e camponezes, mas tambem pelos representantes, em numero muito mais elevado, dos proprietarios, banqueiros, capitalistas e a legião enorme dos que deles dependem. O congresso dos soviets é, pelo contrario, constituido exclusivamente pelos trabalhadores.

Mostra a experiencia que a burguezia serve-se sempre dos direitos politicos que usufrue para ludibriar a classe operaria. Porque tem nas mãos a grande imprensa, de maior publicidade, e dispõe de enormes riquezas, a burguezia corrompe o funcionalismo; utiliza em seu proveito centenas de milhares de pessoas que subordina aos seus interesses; coage e ameaça os que ela obriga a trabalhar, e organiza as coisas de tal maneira que nenhuma parcela de poder lhe escapa.

Deste modo, nas republicas burguezas, apezar das mascara do sufragio universal, o poder concentra-se nas mãos das grandes forças do capitalismo. Cada cidadão é solicitado a intervir na vida publica somente de quatro em quatro ou de cinco em cinco anos, e durante todo este espaço de tempo, os deputados e ministros é que administram e governam fóra de todo o *controle* do povo.

Na Republica dos Soviets criada pela dictadura dos trabalhadores, a administração repousa numa base inteiramente nova. Não é uma organização de altos funcionarios independentes das massas e dependentes dos capitalistas. O governo central é estabelecido sobre as organizações do operariado, sindicatos, comités de fabricas e oficinas, conselhos locaes de operarios e camponezes, e de soldados e marinheiros.

Do centro partem milhões de fios conductores que estabelecem ligação com os soviets provinciaes, municipaes, locaes e os de oficinas. Um exemplo. O soviet central de Economia popular é composto de representantes de comissões economicas, de comités de oficinas e instituições analogas. As organizações economicas, por um lado, abraçam toda a actividade economica, têm ramificações nas cidades e apoiam-se na massa dos operarios associados; por outro lado, existe hoje em cada oficina um comité eleito pelos operarios. Estes comités de oficinas agrupam-se entre si e enviam representantes ao soviet central, cuja função é elaborar planos para a administração da produção e as transformações economicas necessarias.

Temos assim uma instituição inteiramente diversa da republica capitalista, não só porque o não productor é privado do direito de voto e porque o paiz é administrado pelas classes operarias, mas, sobretudo, porque o governo dos soviets está em relações constantes com as massas organizadas, e, desta maneira, a todo o momento, a maioria do povo participa da administração do Estado. Cada trabalhador associado exerce uma real influencia, não só porque uma ou duas vezes por mez escolhe, para o representar, camaradas de sua confiança, como na direção dos sindicatos, mas ainda porque os proprios organismos economicos *têm o poder de elaborar os seus planos de reorganização.*

Estes planos são examinados pelos soviets interessados e pelos soviets economicos, e, desde que sejam aprovados, tornam-se lei logo que os ratifique o comité central executivo dos soviets. Um sindicato ou um comité de fabrica póde assim tomar parte na obra comum de edificação de novas fórmas de vida.

Na republica burgueza, o Estado é tanto mais livre quanto mais entravada é a actividade das massas, porque os interesses das duas partes estão em completo antagonismo. O poder na Republica dos Soviets, que encarna a dictadura das classes operarias, não poderia subsistir sem o apoio destas; pelo contrario, esse poder aumenta á medida que as massas se tornam mais conscientes e mais activas em todas as direções, na oficina e na fabrica, na cidade e nos campos.

No sistema sovietista os sindicatos não aplicam exclusivamente as suas energias em combater o capitalismo. Como parte organica e essencial do governo dos soviets, eles participam da organização, da produção e da actividade economica. Do mesmo modo os soviets dos campos não se limitam apenas a guerrear os usurarios ruraes, os capitalistas e os proprietarios da terra, mas, como orgãos do governo, como rodas deste gigantesco maquinismo que é o Estado proletariano, eles trabalham na elaboração do novo regime agrario. Assim, a pouco e pouco, por meio das organizações de operarios e camponezes, a parte activa e laboriosa da população integra-se cada vez mais na administração do Estado.

Tinha-se escrito muito sobre a dictadura do proletariado, mas não se previa exactamente como ela havia de realizar-se. A revolução russa mostra-nos a fórma precisa desta dictadura. E' a Republica dos Soviets. Eis porque a divisa sovietista está inscrita nas bandeiras dos melhores elementos do proletariado internacional.»

Tal é o sistema sovietista que oferece, como se vê, tantas analogias com o sindicalismo revolucionario. E um dos grandes meritos do bolchevismo — reconheçam-no aqueles que o não aceitam — é precisamente reivindicar o valor social e o caracter revolucionario do sindicalismo que ahi tem andado agora — ele e o bom senso — aos pontapés dos socialistas.

Manuel Ribeiro

A verdadeira fórma de diminuir a criminalidade está em extirpar-lhe as raizes, e o unico processo para as extirpar é remediar os defeiitos sociaes de onde ela provém — W. D. MORRISON.

Piratas, piratas, piratas...

A Epoca, que ultimamente se reorganizára e aparecera em publico rotulando-se de orgam catolico, nacionalista e sindicalista (!!!), acaba de fechar as portas.

Quebradeira?

Absolutamente. O seu proprietario, Sr. Almeida Godinho, é homem riquissimo. Mas ele admitira ha pouco um socio, o Sr. Alencar Lima. Brigaram, porém. Trocaram-se mutuas amabilidades deste jaez: gatuno! chantagista! pirata! — e acabaram engalfinhados em luta corporal.

E agora *A Epoca* leva o diabo. Desejamos cordealmente que lhe não tardem a acompanhar os piratas, chantagistas e gatunos que ali operavam...

Os prodromos da revolução italiana

O suave comunicado de S. Ex. o Embaixador Bosdari ◆◆◆◆ e a força bruta dos factos concretos ◆◆◆◆

A Italia é o paiz europeu mais proximo da revolução. A Italia já se acha em plena efervescencia revolucionaria, marcando os primeiroz passos no caminho do bolchevismo. Sabem disso quantos acompanham de perto a vida italiana, não apenas através telegramas e comunicados oficiaes, mas indo abeberar-se nas fontes mesmas de origem e fermentação do movimento libertario na peninsula.

Certos disso, foi com um gostoso riso que lemos nos matutinos de quarta-feira o comunicado de S. Ex. o Embaixador Bosdari, no qual se assegurava, com perfeita gravidade, serem falsos os boatos de agitação no reino. Que tudo corria lá pelo melhor dos mundos, serenissimamente, caminhando a Italia por um caminho de rosas para o mais risonho futuro... Que os socialistas eram homens pacatissimos e o rei o homem mais popular e amado de quantos reis se conhecem...

As suaves palavras da Embaixada, publicadas nos jornaes da manhã, tiveram a mais estrondosa confirmação nos jornaes da tarde: a grève geral se declarára em Roma, em Milão, em Napoles, em Genova, em Florença... Gréve de caracter politico, note-se bem: como protesto ás manifestações anti-socialistas dos patrioteiros e nacionalistas, dos legalistas e realistas. E houve grandes conflictos, e feridos, e mortos. Que santa paz na familia italiana, excelencias da Embaixada!

E' inutil e até ridiculo querer tapar o sol com uma peneira. O triunfo do comunismo é absolutamente certo na Italia. Para isso trabalham febrilmente os socialistas, os sindicalistas, os anarquistas, quer dizer, todo o proletariado militante da Italia. O programa do Partido Socialista, vencedor por esmagadora maioria no recente Congresso de Bolonha, é nitido e preciso: revolução imediata para a destruição violenta do Estado burguez e implantação da Dictadura do Proletariado.

Ainda ha quem duvide? Conversaremos brevemente sobre o assunto...

Altas e baixas de cambio

Já ha varias semanas que o cambio desandou a subir vertiginosamente... Subiu a 27 ds., fenomeno inecdito na Republica. O franco, a lira, o escudo, o marco desceram a cotações de bancarrota. De repente, inesperadamente (?), começou o cambio a desabar para baixo. Panico nos bancos. Correrias. Desnorteamento na praça.

Mas porque tudo isso?

Não sabemos. Não percebemos patavina de cambios e tramoias adjacentes. Os jornaes deitam artigos, os deputados falam, e nós continuamos sem perceber patavina. Dizem uns que as variações cambiaes resultam de especulações dos cafésistas paulistas. Outros deixam prever que as encrencas revolucionarias na Europa são a sua causa.

Não entendemos nada. O que sabemos com absoluta certeza é que anda nisso tudo ladroeira grossa, pirataria de alto bordo, polpudas traficancias de bolsa. E sabemos ainda mais que o fim de tudo isso se aproxima, com o fragoroso cráque financeiro e mercantilista da burguezia. Os tempos são chegados da aplicação universal do postulado sovietista: quem não trabalha não come...

A farça de Washington

Como os carabineiros de Offenbach, o doutor Acacio Fausto Ferraz chegou demasiado tarde...

Está terminada a Conferencia Trabalhista de Washington. Encerrou a sua função a meio, transferindo o resto para fevereiro proximo, e então não mais em Washington, mas em Genebra...

A nota comica da conferencia deu-a o delegado que o governo nomeou para representante do operario brazileiro. Quando o ilustre Fausto Acacio botou o pé no caes de New York, já a Conferencia realizava as ultimas sessões.

Que imensa pilheria!

E que diz a isso a *Razão?*

... os defeitos, os absurdos, a ineficacia das nossas instituições legaes são tão grandes que, a não se dar uma tansformação imensa e sem precedentes, todo o edificio está em riscos de sossobrar tristemente. — ED. CARPENTER.

: : A CUTIA BEATA : :

(Fabula)

Em casa de uma velha ultra devota.
Irmã de não sei quantas devoções,
Vivia, á larga, uma cutia,
A que a velha chamava, a se benzer: *Quinota.*
A casa dessa velha era um museu sagrado:
Rosarios, crucifixos, orações,
Santos de pau, imagens de Maria,
Um Jesús novo, outro já roido, outro mofado...
A cutia que fôra na floresta
Normalista, e estudara, só comsigo,
Nos livrinhos da velha, o seu latim,
Percebeu a verdade manifesta
De que ha ceu para os bons e inferno por castigo
Dos decendentes de Caim.
Jesús é o Salvador, Maria a mãe divina,
O papa o sumo guia, a Igreja o açougue santo
Onde se vende o bife do carneiro
Que por nós teve uma encrencada sina...
Os homens salvos! Entretanto,
Dentro da mata, o povo inteiro
Das cutias entregues a Satan,
Perdidas para Jesús Cristo!
A! Não haver uma alma missionária
Que lhes fosse anunciar essa doutrina sã.
«Serei eu a inimiga de Mefisto!»
Disse a douta cutia e, sem demora,
Fugiu para a floresta milenária.
Pregou a lei de Deus; mas, sobretudo,
Propagou, sem descanso, o culto de Maria,
Dessa augusta Senhora,
Unico pistolão que salva tudo
Quando o Senhor se encontra de arrelia.
A missão foi dificil: a cutia
Fez sermões, deu rosários, deu bentinhos...
Nada!... apenas algumas velhas rudes
Comeram Cristo, em pão, aos pedacinhos,
Trescalando católicas virtudes.
A cutia apelou para o milagre...
Era a evidência, a prova
De que ela proclamava a bôa nova.
Jejuou, passava a folhas de sumagre,
Martirizava-se sem pena
E aguardava ocasião
De mostrar o poder da crença nazarena.
Ora, um dia em que aos seus, em fogoso sermão,
Tratava dos milagres praticados
Pelos simples mortais em nome de Maria,
Eis que se ouvem chegar, de varios lados,
Latidos, depois gritos, logo passos!!!
Um susto horrendo a turba inquieta esfria;
Olhos chamejam... vão fugir... Austera,
Inspirada, a cutia exorta:
«Meus irmãos! não corrais!
Quem na Virgem se fia, calmo espera,
Não teme os inimigos, ela é a porta
Dos paços celestiais!»
Nisso o mato estraleja; um grito perto
Joga as cutias ágeis mato a dentro.
Uma delas, achando um vão aberto
Num tronco de paineira, ali se oculta...
Firme, rosário em punho, bem no centro
Da clareira, a cutia pregadora
Vai dar um testemunho áquela gente inculta.
Já o caçador aponta a arma aniquiladora...
Um tiro estronda e abala os jatobás antigos!...
Um guincho, um baque, uns passos na clareira,
Depois latidos longe e a paz na mata inteira...
Pouco a pouco, medrosas
Vão saindo as cutias dos abrigos.
«Onde está nossa irmã?» perguntam pressurosas
A' que tudo assistiu do tronco da paineira.
«Morreu, irmãs!» «Morreu? Pois não rezava?»
«Rezava! Esse desastre nos ensina,
Caras irmãs, que a carrasqueira brava
Nos é melhor que a proteção divina,
E que essa tal Virgem Maria
Salva, talvez, os bichos de batina,
Mas não salva cutia!»

José Oiticica.

PARA ONDE VAMOS?

Eis ahi uma interrogação que o nosso espirito, aprehensivo do presente, e ainda mais aprehensivo do futuro, a cada instante se faz.

A hecatombe mundial a que estamos assistindo, devido exclusivamente á cobiça sem limites, á avareza sem termo, á ambição desmedida do capitalismo infrene, da alta finança, dos negociadores em grosso, dos abutres insaciaveis da humanidade, de tal modo tem desconcertado todas as coisas, que, incapacitados para resolver os assuntos prementes que no mundo se debatem, caminham os governantes estonteados, sem saber, sem acertar no modo de ajustar essa maquina por eles estragada, para que a sua engrenagem possa produzir essa sombra de paz a que aspiramos e temos indiscutivel direito, nós particularmente que somos os verdadeiros factores das riquezas, os productores de todas as coisas.

Bem poderiamos, sem ser profetas, ter presuposto que a voracidade monstruosa dos que lançaram o mundo em tão descomunal cataclismo, não ficaria satisfeita com o vencimento e submissão dum dos potentados em lucta sinão que, desfeitas as resisteucias e o caminho aplainado, o vencedor trataria de empunhar o ceptro aureo do mundo, submetendo ao seu dominio todas as energias vitaes do universo, abrindo amplos escoadouros, por onde possam ir acumulando-se, nas suas arcas sem fundo, o rendimento de todas as forças productoras.

Que é o que temos visto desde que pomposamente se anunciou a terminação da guerra?

Que é o que a toda hora estamos vendo, nas reuniões, nos actos, nos movimentos todos, em todas as deliberações e decisões de governantes, banqueiros, negociantes, capitalistas todos, sinão a deshumana, a imoral, a vergonhosa e irritante avidez com que se lançam ferozes a devorar a presa que lhes cai nas afiadas garras, como monstros absorventes da vida dos povos?

Mas, o que espanta, o que excita uma justa colera e vibrante indignação; o que está clamando vingança e justiça perante a humanidade sofredora, é que essa insolita opressão, essa disfarçada tirania, se faz concitando os povos a recebel-a como o simbolo sagrado da sua emancipação e liberdade.

Que é que significa essa afronta humana rotulada com o pomposo nome de — Tratado da Paz — sinão a manifestação impudica de todas as infamias e vilezas, desenfreada cobiça e cobardes hipocrisias?

Onde se acha um principio justo, equitativo, não só para o adversario, mas siquer para as nações neutras, que com prudencia evitaram ser arrastadas pela impetuosidade da voragem?

Qual a decisão, a clausula cujo sentido se possa definir por uma confiança amistosa, um convivio fraternal, uma esperança de calma e socego no futuro?

Nada disso se percebe!

Só se procura encadear a féra; subjugal-a; conserval-a submissa, barrando-lhe os pés com grilhões e aljemando-lhe os pulsos!

E são tão cegos, que não enxergam o forcejar da escravizada; o movimento impetuoso da sua força; as consequencias logicas, naturaes, no dia em que quebrar as aljemas. Esse dia será o da justiça popular, justiça eterna, como eterna é a causa que o povo defende!

Outra das hipocrisias, com que esses vampiros da humanidade pretendem encobertar a insaciavel sêde de ouro que os devora, é essa pantomima intitulada — Conferencia Trabalhista de Washington.

Com a subtileza perfida que distingue o mundo financeiro, querem dar a entender que eles, politicos e capitalistas, se incomodam, trabalham e deliberam, para melhorar as condições de miseria e desapreço em que se acha a sociedade operaria e trabalhadora.

Nada ha mais positivamente falso.

Essa reunião, producto de calculadas ambições e patenteados egoismos, outra coisa não é que um meio de arquitectar, de dispôr e dirigir o movimento operario mundial, de fórma a poder tirar o maior provento do capital empregado nas industrias e no comercio.

Não duvidamos farão algumas concessões em favor do operario; concessões que não terão outra novidade sinão serem ratificadas; pois, de longa data, foram de facto conquistadas pelo operariado de todas as nações civilizadas.

Basta examinar a sua formação, para não esperar dessa Assembléa deliberações justas e equitativas.

Para cada um representante operario, ha tres representantes da politica absorvente da ultima etapa, e do capital, ainda muito mais absorvente.

Ainda mais:

Si considerarmos que o lema da bandeira desfraldada, no presente resurgimento da industria mundial é, — *Produzir o maximo com o minimo de despeza* — teremos em conclusão, que os favores concedidos ao operariado serão uma panacéa, que permitirá aos exploradores do povo colimar o seu proposito de continuar escravizando os trabalhadores de toda a parte.

Essa tendencia se vem obeservando ha algum tempo, na cognominada imprensa de alta informação.

Em face da dificil solução que apresenta o problema operario em toda a parte, tem brotado como larvas, do seio mesmo da podridão social, uma caterva de sociologos, da mesma maneira que brotam os cogumelos da decomposição de materiaes azotados.

Todos eles são concordes em que a carestia da vida, flagelo que atinge a todas as classes sociaes, se deve á elevação dos salarios, e á escassez da produção.

Vêm o diminuto aumento que o trabalhador, pela implacavel força das circunstancias, está recebendo para não morrer á fome; mas não enxergam o corretor, o açambarcador, o comerciante em grosso, o vendedor a retalho, que, sem nada produzir, elevam os generos ao terceiro, quarto e até quinto coeficiente do seu valor — real e primitivo. Tartufos!

Não seria de extranhar que o resultado final dessa conferencia fosse uma tentativa no sentido de minorar o salario do operario, aumentando-lhe as horas de serviço.

Contra essa predisposição devemos acautelar-nos, sem demonstrações tumultuosas e extemporaneas, que prejudicariam a justiça da nossa causa; devemos ir acumulando energias para, na hora da prova, resistir com firmeza, e não ceder um passo no terreno conquistado.

Aprendamos a lição que a mecanica racional nos ensina, resumida nos tres enunciados seguintes:

1º — Forças na mesma direção concorrentes num ponto precisam, para ser resistidas ou nulificadas, de outras forças opostas iguaes ou maiores.

Nós, seguindo unidos pela mesma trajectoria, concorrendo todos para o ponto culminante do nosso ideal, venceremos, porque somos a força maior.

2º — Forças dispersas em diferentes trajectorias não concorrentes perdem de sua potencia não só a diminuição das forças congeneres, mas a que lhes opõem os atrictos e resistencias das outras.

Nós, caminhando divergentes por trajectorias diversas, jamais poderemos vencer porque nulificamos o proprio esforço.

3º — Forças iguaes e opostas destroem-se mutuamente.

Nós, nunca sahiremos do marasmo da nossa nulidade, si vamos por caminhos opostos.

A nossa actuação deverá resumir-se nestas duas frazes:

Saber querer; saber agir.

L. F.

A ITALIA EM MARCHA PARA A REVOLUÇÃO SOCIAL

O espirito dominante no Congresso do Partido Socialista Italiano, reunido em Bolonha

A MOÇÃO SERRATI

No nosso empenho de informar o leitor sobre os fecumdos debates de idéas travadas no seio do verdadeiro socialismo internacional, de qualquer etiqueta ou escola, bem desejariamos reunir aqui as magnificas discussões do Congresso Socialista Italiano, reunido em Bolonha de 5 a 8 de outubro ultimo, mas a estreiteza do espaço veda-nos a largueza do relato, e por isso temos por assim dizer que nos cingir ao comentario das moções em que as varias tendencias procuraram condensar o seu pensamento director.

O novo programa

Quatro tendencias principaes se manifestam no seio do Partido Socialista Italiano.

A tendencia *reformista*, que no Congresso teve como interpretes mais notaveis Turati e Treves, pretende a conquista pacifica, legal, eleitoral do Estado, recorrendo apenas á insurreição no caso de ser falseado o sufragio ou de resistir o governo burguez ás indicações do mesmo. Quanto á revolução russa, tambem se ajuda (palavras de Treves) «com o sufragio universal, com a conquista mais rapida do Estado, não como absoluto poder, mas como real influencia, com a organização interparlamentar socialista lutando contra o militarismo e contra o perigo da guerra» — ilusões democraticas que tiveram pequenissimo exito perante o Congresso e que a argumentação dos oradores maximalistas e comunistas reduziu a pó.

Os reformistas tinham consubstanciado as suas idéas numa moção de Treves, mas retiraram-n'a em favor da moção «maximalista unitaria», abrigando-se assim por traz dos revolucionarios mais moderados, para não patentear impudicamente a exiguidade das suas forças.

A fracção «revolucionaria intransigente» segundo o velho programa de 1892, aprovado em Genova, pede a manutenção desse pacto como base duma unidade, que dura ha 27 anos e que deve perdurar: eis pórque a fracção toma o nome de "maximalista unitaria". O seu maximalismo cabe dentro do velho programa, salvo uma ligeira rectificação ou ajunção, porque, diz Lazzari, não é impossivel a transformação dos poderes do Estado em instrumentos de libertação proletaria. Assim, os Conselhos de operarios e soldados poderão mais facilmente constituir-se, tendo o proletariado nas mãos os actuaes conselhos municipaes. As concepções desta tendencia são resumidas na moção Lazzari-Maffi, á qual aderem depois os reformistas.

A terceira tendencia, a da grande maioria, é a chamada «maximalista eleccionista», que pede a reforma do estatuto de Genova, conservando a tactica eleitoral e parlamentar como meio de agitação e propaganda, e sobretudo para não dividir as forças do partido: foi esta a objeção principal aos comunistas antiparlamentares. Como disse um dos oradores da fracção, Antonio Graziadei, o programa de Genova de 1892 contém demasiado espirito democratico: a sua correção, já conveniente antes da guerra, tornou-a esta indispensavel. O meio tecnico da reconstrução social não pode ser sinão um organismo de classe: da concepção de cidadão tem que se passar á de trabalhador. E' a moção Serrati que exprime esta corrente.

Vem por fim a extrema esquerda, que Turati, no seu discurso, chama anarquista, mas que se defende dessa designação, intitulando-se "comunista anti-parlamentar".

Como os maximalistas, os comunistas propugnam a elaboração da organização sovietica desde já, no seio da sociedade burgueza, sem prejuizo das demais instituições economicas do proletariado, sindicatos e cooperativas, estas ultimas chamadas a representar um papel importante, segundo Serrati, durante o periodo reconstructivo. Neste terreno se acha tambem o sindicalista Henrique Leone, que aliás vota a moção Serrati, maximalista eleccionista...

Quanto á cisão, não a temem, antes a buscam os comunistas, que pedem a exclusão dos reformistas, elementos puramente democraticos, incompativeis com a realização do comunismo e com as exigencias e realidade revolucionarias da hora presente. A cisão é inevitavel, declara Amadeu Bordiga, e antes venha já do que mais tarde, pois pode então atravessar-se no caminho da revolução social.

Na moção Serrati, «maximalista eleccionista», votaram 1.012 secções com 48.411 inscritos. A' moção Lazzari-Maffi, "maximalista unitaria", aderiram 339 secções com 14.880 socios. A moção Bordiga, "comunista anti-parlamentar", obteve a aprovação de 67 secções com 3.417 membros.

Si quizermos avaliar as forças numericas da tendencia "revisionista" no sentido insurreccional e sovietista, temos que adicionar os votos da moção Serrati aos da moção Bordiga. Mas, afinal, a propria moção unitaria dos centristas (Lazzari-Maffi), com a contribuição dos reformistas, é revisionista, pois pede que o velho programa seja, não pura e simplesmente *ractificado*, mas *rectificado* no sentido de que os poderes publicos devem ser conquistados, sim, mas para serem logo substituidos pelos Conselhos operarios, aos quaes deverá ser passado o poder politico.

Nesta moção, por não haver sitio menos fundo, é que o reformismo mergulhou, envergonhado, sob os sorrisos ironicos do Congresso.

A moção Serrati

A moção da maioria «maximalista-eleccionista», defendida por Serrati, fôra elaborada por uma comissão composta de Gennari, Salvatori, Bombacci, Tasca, Rabezzana, Garosci, Fortichiari e Henrique Leone. E' a seguinte:

«O Congresso do Partido socialista Italiano, reunido em Bolonha nos dias 5 a 8 de Outubro de 1919, reconhecendo que o programa de Genova está já ultrapassado pelos acontecimentos e pela situação internacional produzida pela crise mundial nascida em consequencia da guerra, proclama que a revolução russa, o mais feliz sucesso da historia do proletariado, criou a necessidade, em todos os paizes de civilização capitalista, de lhe facilitar a expansão;

admitido, alem disso, que nenhuma classe dominante renunciou até agora ao seu despotismo a não ser obrigada pela violencia, e que a classe exploradora a ela recorre para defeza dos seus privilegios e sufocamento das tentativas de libertação da classe oprimida, o Congresso está convencido de que o proletariado terá que recorrer ao emprego da força para a defeza contra as violencias burguezas, para a conquista dos poderes e para consolidação das conquistas revolucionarias;

afirma a necessidade de tratar dos meios de preparação espiritual e tecnica;

considerando mais a situação politica actual no que respeita ás proximas eleições, delibera descer á liça no terreno eleitoral e dentro dos organismos do Estado burguez para a mais intensa propaganda dos principios comunistas e para facilitar o derribamento dos mesmos orgãos da dominação burgueza.

Baseando-se enfim nas considerações acima expostas, delibera modificar o programa do Partido, traduzindo-o na forma seguinte:

PROGRAMA

Considerando que na presente organização da sociedade os homens se acham divididos em duas classes: dum lado os trabalhadores explorados, do outro os capitalistas detentores e monopolizadores das riquezas sociaes;

que os salariados de ambos os sexos, de todos misteres e condições, formam pela sua dependencia economica o proletariado, constrangido a um estado de miseria, inferioridade e opressão;

reconhecendo que os actuaes organismos economicos-sociaes, defendidos pelo presente sistema politico, representam o dominio dos monopolizadores das riquezas sociaes e naturaes sobre a classe trabalhadora;

que os trabalhadores não poderão conseguir a emancipação sinão pela socialização dos meios de trabalho (terras, minas, fabricas, meios de transportes, etc.) e pela gerencia social da produção;

reconhecendo alem disso que a sociedade capitalista, com o consequente imperialismo, desencadeou e desencadeará guerras cada vez mais vastas e mortiferas;

que só a instauração do Socialismo conduzirá á paz civil e economica;

que o esfacelo produzido em todo o mundo civilizado é o sinal evidente da falencia que ameaça todos os paizes, vencidos e vencedores;

que a manifesta incapacidade da classe burgueza para remediar os males por ela ocasionados mostra que se abriu um periodo revolucionario de profunda transformação da sociedade, o qual leva desde já ao derribamento violento do dominio capitalista burguez e á conquista do poder politico e economico por parte do proletariado;

que os instrumentos de opressão e de exploração do dominio burguez (Estados, Municipios e administrações publicas) de nenhum modo se podem transformar em organismos de libertação do proletariado;

que a taes orgãos deverão ser opostos orgãos novos proletarios (Conselhos de operarios, camponezes e soldados, Conselhos de economia publica, etc.), os quaes, funcionando antes, em dominio burguez, como instrumentos de violenta luta de libertação, se tornam depois organismos de transformação social e economica, e de reconstrução da nova ordem comunista;

que em tal regimen de dictadura deverá ser apressado o periodo historico de transformação social e de realização do comunismo, depois do que, com o desaparecimento das classes, desaparecerá tambem todo o dominio de classe, e o livre desenvolvimento de cada um será condição do livre desenvolvimento de todos;

delibera:

1º adaptar a organização do Partido Socialista Italiano aos principios acima expostos;

2º aderir á 3ª Internacional, organismo proletario mundial, que propugna e defende taes principios;

3º promover acordos com as organizações sindicaes que se acham no terreno da luta de classes, para que orientem a sua ação para a mais profunda realização dos principios já indicados.»

Eu considero como desfavoravel á regeneração do preso o regimen a que ele fica submetido durante todo o seu tempo: o aniquilamento do respeito por si proprio, a degradação de qualquer instincto moral que possuisse, a ausencia de qualquer oportunidade de prestar ou receber uma gentileza, a sociedade criminosa só formada de criminosos e em que ele é um simples numero isolado no meio dos mais, o trabalho forçado, e a recusa de toda a liberdade. — GODFREDO LUSHINGTON.

Foi, é e será...

... ainda por muito tempo, a maior calamidade da Humanidade, o maior tropeço da civilização, o Clero, com todos os seus dogmas, calcados em toda sorte de mentiras que imaginar se possa.

"O faças o que digo e não o que eu faço", é a maior prova do que afirmamos.

Portanto, proseguindo na analise que vimos fazendo sobre as cousas da Igreja, reportamo-nos mais uma vez á serie de artigos publicados no "Correio da Manhã" em 1904 ou 3, por "Frei Venancio", pseudonimo de que se servia o brilhante articulista.

Falando do batismo, dizia o citado escritor: "O batismo é um dos actos que a Igreja pratica, cuja exportula é expontanea, tanto assim que, antigamente, era muito usual dar-se ao padre, após a celebração do batisado, uma moeda de prata de duzentos réis".

Si não são bem estas as palavras, pelo menos este era o sentido.

Quer dizer, que a escolha da moeda de prata era feita, em obediencia a certos e determinados preceitos da Igreja, que já não nos ocorrem.

Isto, porém, não importa para as conclusões, que pretendemos tirar, do mercantilismo a que está sujeito, por obra e graça dos conegos e monsenhores, bispos e cardeaes, tudo que diz respeito á Igreja Catolica.

Ora, si o batismo, segundo assevera "Frei Venancio", deve ser retribuido com uma simples moeda de prata seja de que valôr fôr, claro está que tudo quanto se peça além disso, outra coisa não é sinão, — perdoem-me a irreverencia — uma grande exploração! Mas não é só pelo lado pecuniario que a coisa se nos afigura prejudicial; pelo lado higienico ela acarreta grandes danos tambem.

Haja vista a agua que se esparge sobre a cabeça do batisando; esta agua é conservada na pia batismal durante muitos dias, resultando dahi o acumulo de grande quantidade de microbios que a creança ingere, ao respirar, quando a dita agua lhe é espargida sobre a cabeça.

A meia pataca de cuspo, que o padre dá ao menino, tambem não deve fazer bem, mormente si o dito cujo sofrer de alguma molestia transmissivel. De modo que o logro que sofre o individuo quando leva o filho a batisar-se, é vario.

Primeiro, tendo o padre grandes despezas a fazer com a vida faustosa que leva, já se não sujeita a receber uma simples moeda de prata, embora seja de dois mil réis; exige no minimo cinco mil réis e mais dois para o sacristão, sete mil réis ao todo.

Ha, portanto, uma diferença para mais, de seis mil quinhentos, do que antigamente.

Segundo, si a creança está doente, ou mesmo suada no momento em que recebe a agua fria na cabeça, não será de estranhar que grave enfermidade lhe possa advir, não só do resfriado que possa apanhar como da aspiração dos microbios contidos na agua.

Terceiro, e este é dentre todos o mais grave, o da sucção, pela creança, da saliva, que o padre tirando da sua boca, coloca na do pequenito.

Este ultimo caso não só é anti-higienico, como tambem é repugnante.

Mas ao tempo que esses srs. vivem assim a embahir a Humanidade com factos de tal jaez, melhor seria que empregassem este precioso tempo em coisa de maior proveito.

Benedicto Preto

Ou por bem, ou por mal

O caracter de um individuo recomenda-se na razão directa do grau de simpatia pelos desgraçados.

Os genios consagrados sahiram da plebe; crearam-se entre os homens do povo. A miseria é «leit motiv» das suas genialidades. Dostoiewski, Victor Hugo, Tolstoi, Gorki e muitos outros, afirmaram o seu genio em obras imortaes que são «playdoiers» em favor da massa anonima dos maltrapilhos. Lêde «Recordações da casa dos mortos», «Humilhados e ofendidos», «Miseraveis», «Resurreição», «Os ex-homens»—e tereis ocasião de constatar esta verdade: entre o homem de genio e o pária ha de comum o martirio. Um sofre a grande dôr moral da solidariedade, o outro a imensa amargura do desprezo. A Russia redimida prova abundantemente a minha tese.

Nunca houve no mundo um tamanho exemplo de vitalidade. O povo russo foi genial na desforra. Praticou o preceito barbàro da vingança: «olho por olho, dente por dente».

Pois que? Em pleno seculo de luz, de civilisação, de liberdade, adotar-se ainda o medieval processo de prepotencia!

Não, não se podia admitir. Era humilhante demais para os filhos do Seculo XX. A perseguição acintosa ao operariado tinha que acabar, evidentemente.

Quem outorgou ao homem o direito de escravisar o sen semelhante? Em que lei se apoia uma minoria endinheirada para assim usurpar todas as regalias, em detrimento de uma incontestavel maioria a quem concede apenas o «direito de trabalhar», isto é, todas as «obrigações»?... E' preciso que acabe o vergonhoso espectaculo da prepotencia capitalista, sob pena de a «hidra de cem cabeças» começar a obra formidavel do desforço, ha muito tempo necessario, para orgulho do seculo e exemplo de futuras gerações. Nos nossos dias é intoleravel e humilhante o preconceito de classes.

Esta é a origem de toda a luta.

Todo este entrechocar de egoismos e de conflictos se poderia atenuar si os homens soubessem o preceito da solidariedade e se conformassem a viver com o estrictamente necessario, repartindo o superfluo por aqueles que nada possuem.

Todas as dissenções acabariam dando a Cezar o que pertence a Cezar, isto é, dando a cada um aquilo a que tem direito, sem ser preciso aos expoliados recorrer á coacção ou á violencia. E' isto simplesmente o que o povo trabalhador e explorado reclama.

São aspirações concretas, legitimas, e de facil comprehensão para aqueles a quem convem comprehender. Pede, conscio dos direitos que lhe assistem, a bôa paz, mas com a altivez de quem não teme.

Si por bem o não quizerem ouvir, então, empregará a violencia, a força.

Fernando de Rosalba.

EXPEDIENTE

Spártacus publica-se sob a responsabilidade de um Grupo Editor, estando a sua redação e administração a cargo de Astrojildo Pereira.

* *

A redação e administração de Spártacus *acham-se provisoriamente instaladas no largo de S. Francisco, 36, 1º, sala 10. Toda a correspondencia, porém, deve ser enviada exclusivamente para a* Caixa Postal 1936, Rio de Janeiro.

As assinaturas de Spártacus *podem ser tomadas sobre a base de 1$000 por serie de 12 numeros.*

Preço para os pacoteiros: 1$000 por pacote de 12 exemplares.

Spártacus *aparecerá aos sabados, emquanto não puder publicar-se diariamente, sendo de 100 réis o preço do numero avulso para todo o Brazil.*

O NOVO CAIM

Procurei evitar, até o presente momento, pôr em evidencia determinados cancros sociaes que corroem o organismo do proletariado, depauperando-o, atenuando-lhe as energias inatas, sufocando as suas justas aspirações a uma harmonia perfeita, a uma paz duradoura, a uma vida toleravel e digna.

O meu retrahimento é naturalmente explicavel. Não quizera ver envolvido na onda de indignação, que sacoleja o coração dos trabalhadores conscientes, os nomes execraveis dos operarios venaes, levados a esta desgraçada situação pelo egoismo mal comprehendido, pela falta de caracter, pelo erroneo modo de julgar que a burguezia, ora dominante, ha de eternizar-se na praça forte, da qual diariamente metralha, sem condescendencia, sem escrupulo, sem piedade, a turba maltrapilha e famelica que lhe pede justiça, que, no caso, é mais um pedaço de pão que lhe mitigue as exigencias do estomago ou mais um metro de pano que cubra a nudez vergonhosa de sua miseria.

Em todo meu passado ninguem — absolutamente ninguem—teve a oportunidade de ver o individuo responsavel por estas linhas firmar uma acusação pessoal. Sempre, defendendo principios, ataquei principios antagonicos aos meus. Jamais investiguei nos meus adversarios qualidades ou vicios individuaes, que me puzessem na folgada posição de desmoralizal-os.

Devo—e o digo orgulhosamente—á minha sinceridade o carinho e o acatamento com que sou distinguido pelos camaradas que comigo intimamente têm convivido durante mais de tres lustros de propaganda.

Sendo um extremado na questão social, a minha transigencia admite, comtudo, sem repugnancia, os mais retrogrados modos de encaminhal-a para um fim pratico e razoavel. O que, porém, não posso suportar é a má fé, a venalidade, a traição.

Essa trindade abjecta é que me força, alheando-me de velhos costumes, a acusar, de viseira erguida e sem receio, um farrapo humano, sem pudor e incaracteristico, que, por possuir um relogio de Patek-Philippe e alguns ternos de casemira, á custa da Casa Leuzinger e de outras cousas particulares, entende que ha de esmagar uma classe inteira.

O governo do jesuita Sr. Altino Arantes mandou empastelar *A Plebe* de Edgard Leuenroth, porque esse intemerato camarada profligava, com o ardor que o destaca, as infamias da grande *Fazenda* que é o Estado de S. Paulo.

Aqui, no Rio de Janeiro, (desgraçado contraste!) o seu irmão, João Leuenroth, vendido aos patrões, ridicularizando a miseria de seus companheiros, chefe da Casa Leuzinger, pretende aniquilar uma associação de classe, tendo mandado provocar, para isso, uma parede, em que foi entregue manietado, sem defeza de especie alguma, o escól dos graficos cariocas. Não satisfeito com esse aviltante proceder, João Leuenroth arvora-se actualmente em carrasco dos colegas que trabalham na oficina de que é feitor, sob o pretexto de que são *vermelhos*, despeitado por não ter encontrado numero suficiente de cretinos que o fizesse intedente municipal.

De modo que Edgard Leuenroth, ameaçado de ser carbonizado na fogueira inquisitorial de novo Torquemada de S. Paulo — Sr. Altino Arantes—terá a suprema dôr de ver o seu irmão—o filho de sua extremosa genetriz—lançar o primeiro combustivel que o ha de transformar em cinzas...

E' edificante!...

Pedro Rangel.

25—11—919

A disciplina é a morte da razão e da liberdade; o seu unico fim é preparar a execução de atrocidades a tal ponto indignas que qualquer homem no seu estado normal se recusaria a praticar. — LEÃO TOLSTOI.

Administração

N. 18

ENTRADAS

Conferencia de Canellas	143$000
J. I. de Campos (S. Grande)	10$000
Miranda (J. Fóra) . . .	20$000
Campagnoli	5$600
A Marotta (Campinas) .	10$000
Liste 50 C.	13$000
F.	$800
Irmãos Micelli.	10$000
Costa Pinto	2$000
J. Silva (pacote)	1$000
R. F.	2$000
Lista extra (P. Serra) .	27$000
Nós	90$000
Venda avulsa.	115$400
Saldo do n. 17	257$100
Total	706$900

SAHIDAS

Composição e impressão.	200$000
Redação	28$000
Administração.	35$000
Um copo.	$600
Carreto.	4$000
Passagens	7$600
Selos	6$500
Saldo	281$700

RESUMO

Entradas.	706$900
Sahidas	281$700
Saldo.	425$200